

## **A produção e comercialização da castanha de caju no Semiárido piauiense: uma pesquisa etnográfica na Comunidade Mirolândia<sup>1</sup>**

Breno Gomes da LUZ<sup>2</sup>

Jose Carlos da SILVA<sup>3</sup>

Liliane de Sousa Dantas SILVA<sup>4</sup>

Mauricio da Costa TELES<sup>5</sup>

Instituto de Educação Superior Raimundo Sá- Faculdade R. Sá

### **Resumo**

O objetivo geral deste trabalho é conhecer o processo de produção à comercialização da castanha de caju, que é desenvolvido na comunidade de Mirolândia, região do semiárido piauiense. A prática do cultivo da castanha do caju tornou-se importante na agricultura nordestina com grande valor e importância econômica. No estado do Piauí, o cultivo e produção do caju e da castanha, bem como ainda de seus derivados é responsável por cerca de 80% da atividade de cajucultura e estimulou a exportação do produto. Trata-se de um trabalho fotoetnográfico consiste no estudo dos grupos da sociedade, suas características antropológicas, sociais e culturais. Assim, a fotoetnografia é o estudo que assimila o uso da foto como um instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico, nesse sentido, esse estudo denomina-se de fotoetnografia.

**Palavras chaves:** Produção de Castanha. Semiárido Piauiense. Mirolândia.

### **INTRODUÇÃO**

A prática do cultivo da castanha do caju tornou-se uma atividade importante da agricultura nordestina com grande valor e importância econômica que, na região Nordeste tornou-se responsável por cerca de 90% da área de cultivo na agricultura. No estado do Piauí, o cultivo e produção do caju e da castanha, bem como ainda de seus derivados é responsável por cerca de 80% da atividade de cajucultura e estimulou a exportação do produto de diversas maneiras no que toca ao consumo: produtos industrializados, sucos, geleias, castanha, doces, enfim, produtos diversos que tem como elemento principal o caju e a castanha (BARROS, 2006).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017. Esta pesquisa foi desenvolvida na disciplina *Laboratório de Pesquisa*, do curso de Jornalismo da Faculdade R.Sá, sob a orientação da professora Mayara Sousa Ferreira.

<sup>2</sup> Acadêmico do VI Período do Curso de Comunicação social do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. email: brenogomes96@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico do VI Período do Curso de Comunicação social do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. email: josecarlosdasilvasilva025@gmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica do VI Período do Curso de Comunicação social do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. email: rosaldaliliane30@hotmail.com.

<sup>5</sup> Acadêmico do VI Período do Curso de Comunicação social do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. email: mauriciotelyspi@hotmail.com.

A castanha tem agregado valores ao ramo comercial e, por extensão, gerado milhares de emprego, tanto na zona rural onde se tem o início da atividade de cajucultura como a plantação e o cultivo, quanto na zona urbana, no processo de industrialização e comercialização. Dessa forma, fica claro que a produtividade da atividade de cajucultura na região Nordeste é expressiva, por ser esta região, um local propício para a plantação e cultivo de caju e da castanha que tem imenso valor comercial (BARROS, 2006).

Diante do exposto acima, o presente artigo traz como temática a ser analisada a produção e comercialização da castanha de caju no semiárido piauiense, precisamente na comunidade de Mirolândia, município de Picos do Estado do Piauí região considerada como favorável para a produção e comercialização deste produto. Propõe-se assim, saber: qual a origem da castanha de caju que é comercializada na comunidade de Mirolândia? Como é realizado o processo de produção da castanha que é comercializada às margens da BR 316 em Picos-PI? Como é comercializada a castanha da comunidade de Mirolândia?

O objetivo geral deste trabalho é conhecer o processo de produção á comercialização da castanha de caju que é desenvolvido na Comunidade de Mirolândia, região do semiárido piauiense. Buscando identificar as singularidades do processo de comercialização da castanha de caju na comunidade de Mirolândia; reconhecer as etapas do trabalho de produção da castanha de caju na comunidade pesquisada; refletir sobre o contexto do semiárido aonde vem sendo desenvolvida a atividade de produção e comercialização da castanha.

A motivação acadêmica para o estudo surgiu pelo fato de que toda discussão acerca desse tema parte da hipótese de que o cultivo e a prática do caju como parte da cultura nordestina se torna relevante nesse estudo por influenciar no desempenho da atividade dos castanheiros da comunidade Mirolândia, na cidade de Picos-PI.

Abordar um tema como produção e comercialização da castanha se faz necessário porque revela muitas questões para além daquelas já discutidas no ambiente social e ainda, porque tal atividade implica numa tarefa difícil que deve ser mais bem explorada para uma questão maior, holística.

## **A CONVIVÊNCIA NO SEMIÁRIDO**

---

Para Cantalice e Silva (2010, p. 12) diz que, no contexto das diversidades, é necessário ampliar os estudos e as pesquisas sobre os saberes e práticas desenvolvidas no contexto das práticas sociais das comunidades do Semiárido piauiense.

Alencar (2010) diz que no processo de produção de conhecimento sobre o semiárido, é necessário que se aprenda a conviver com os vários ambientes que compõem essa região, já que o conhecimento das potencialidades locais, em si, não assegura a promoção do desenvolvimento sustentável nela desejável. Assim sendo, torna-se significativo o desenvolvimento de práticas educativas voltadas para o cuidado com o meio ambiente.

Assim, Araújo (2006 *apud* ALENCAR, 2010, p. 09) ressalta que:

Sabe-se que os problemas sociais da população do Semiárido brasileiro não são consequências do clima ou da ausência de chuvas. Deve-se considerar que a economia piauiense e sua organização espacial desenvolveram-se a partir da pecuária extensiva implantada pela colonização portuguesa na segunda metade do século XVII. As fazendas piauienses eram unidades produtivas autossuficientes, localizadas em extensos latifúndios, em que, além da pecuária, praticava-se uma agricultura de subsistência, contribuindo para concentração fundiária e pobreza da população rural e urbana.

A autora diz ainda que, dentre os fatores que contribuíram para a formação das cidades e municípios desse Território, o econômico foi o mais relevante, tendo como atividades produtivas na época: a exploração da carnaúba para fabricação de cera, a extração e comercialização da borracha de maniçoba e a pecuária bovina como a mais importante. O fator religioso também contribuiu, pois os povoados, cidades e municípios foram surgindo em torno de capelas e igrejas com a devoção dos fiéis aos santos e padroeiros.

Para Alencar (2010), inegavelmente, o Semiárido brasileiro preocupa os indicadores sociais porque evidenciam situações absurdas que já deviam ter sido superadas, especialmente porque no contexto atual, muitos são os programas e projetos educacionais que visam a superação de velhos paradigmas educacionais e déficits concentrados nessa área e que aos olhos da mídia tem mudado o cenário educacional brasileiro.

A região do semiárido sempre foi vista como uma região marginalizada criada pela mídia nacional que tem como referencia apenas uma época do ano em que a

população destas áreas atravessa as intempéries naturais e trazendo com isso, como representação dessa região a fome e a miséria.

Há de se compreender que o semiárido brasileiro é um território rico, apesar de complexo e que poucos sabem disso. Disso resulto o descaso com a região e que leva ao atual modus operandi da condução de políticas que se tem, muito embora se possa reconhecer que muitas podem ser consideradas as iniciativas que vem sendo desenvolvidas e voltadas para o semiárido brasileiro, mas que não pode ser vista como uma nova forma de ver o semiárido, mas um resgate de uma dívida que se tem com essa região.

## **A PRODUÇÃO DE CASTANHA**

No Piauí, a castanha e o caju tem importância particular e elevada, devidos aos benefícios econômicos e sociais, pela contribuição que tem proporcionado à população da região, a geração de empregos e renda. No sertão piauiense, a cultura de cultivo da castanha pode ser vista em diversas regiões que tem sua exploração expressiva e que respondem por mais de 70% da produção da amêndoa (VASCONCELOS, 1987).

A produção e o cultivo do caju estão inseridos na fruticultura e agricultura brasileira que apresenta grande destaque no cenário mundial e revela a necessidade de produzir produtos com qualidade e, sobretudo, dentro da sustentabilidade ambiental e segurança alimentar (BARROS, 2006).

No aspecto econômico, o Brasil é o segundo maior produtor e exportador de amêndoas da castanha de caju, assim, segundo Oliveira (2010) a região Nordeste tem uma área de plantada com cajueiro de mais de 650 mil hectares, sendo que esse número responde por 95% da produção nacional e nos estados do Ceara, Piauí, Maranhão e Rio Grande do Norte concentra-se parte significativa da produção nacional (OLIVEIRA, BARROS, LIMA, 2003).

Para Leite e Pessoa (2002) em relação ainda aos aspectos socioeconômicos referente ao caju, pode-se afirmar que, por ano, 30,7 mil toneladas de amêndoas de castanha de caju são exportadas, no entanto, o suco, um subproduto do caju não tem sido exportado com mais ênfase devido à ausência de marketing, mas, de acordo com Agostini-Costa et al. (2004) e Pereira et al (2005) a produção do caju está voltada principalmente para a produção de amêndoas, as quais são comercializadas em grande escala no mercado internacional de nozes comestível.

Segundo informa a Embrapa (2010) a produção brasileira de amêndoa de castanha de caju destina-se, tradicionalmente, ao mercado externo, gerando, em média, divisas da ordem de 150 milhões de dólares anuais. Os Estados Unidos e o Canadá são os principais mercados consumidores da amêndoa brasileira, sendo responsáveis por cerca de 90% das importações. O agronegócio do caju no mundo movimenta cerca de 2,4 bilhões de dólares por ano.

E de acordo com o trabalho de Silva (2010) “a importância social do caju no Brasil traduz-se pelo número de empregos diretos que gera, dos quais 35 mil no campo e 15 mil na indústria, além de 250 mil empregos indiretos nos dois segmentos” ainda segundo a Embrapa (2010), para o Semiárido Nordestino, a importância é ainda maior, pois os empregos do campo são gerados na entressafra das culturas tradicionais.

Assim, na visão de Fernandes et al (2009) é no estado do Rio Grande do Norte que o cajueiro tem uma relevante importância de ordem econômica e social responsável pela contribuição na geração de emprego, renda e divisas externas para o estado.

De acordo com Barros e Crisostomo (1995) a baixa produtividade das lavouras é o problema mais significativo da cajucultura no Brasil que está ligada à ideia de solo seco, principalmente na região Nordeste, devido ao longo processo de estiagem que a referida região vem sofrendo e é essa a razão pela qual o programa de pesquisa de melhoramento genético da Embrapa Agroindústria Tropical vem dando prioridade a obtenção de cultivares mais produtivas.

Em Picos, especificamente os períodos chuvosos são considerados os meses de fevereiro a março, sendo o período mais seco de sete a oitos meses, ou seja, a maior parte do ano é quente na cidade de Picos – PI (IBGE, 2010).

## **FOTOETNOGRAFIA**

Para Boni e Moreschi (2007, p. 138-139) “a Etnografia consiste no estudo dos grupos da sociedade, suas características antropológicas, sociais e culturais”. Assim, a fotoetnografia é o estudo que assimila o uso da foto como um instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico, nesse sentido, esse estudo denomina-se de fotoetnografia. Na visão de Boni e Moreschi (2007, p. 139):

Pode ser caracterizada como objeto de estudo, pesquisa ou como mera ilustração. Esse tipo de trabalho contribui para que haja um resgate de informações relacionadas aos diferentes tipos de etnias. Além disso, compila dados de conhecimento, que podem servir como fonte de

comparação anacrônica, posto que a cultura e os costumes das etnias estão sujeitos a transformações.

Assim, o uso da foto pode ser apenas uma mera imagem como também serve para registro das informações e análises dos dados que são coletados em meio a um determinado grupo. Na visão de Boni e Moreschi (2007), é bem verdade que os parâmetros adotados na realização de um trabalho fotoetnográfico seguem a linha da Antropologia Visual, considerando que as pesquisas de campo e os critérios de análise e interpretação permitem que o pesquisador consiga traçar um perfil etnológico do grupo estudado.

### **A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA DE CAJU NA COMUNIDADE DE MIROLÂNDIA**

A partir da discussão acima, analisamos agora como se dá o processo de produção até a etapa de comercialização da castanha na comunidade de Mirolândia. Para tanto, utilizamos a pesquisa fotoetnográfica para alcançar a proposta e utilizamos ainda, nesse processo, a entrevista semiestruturada.

Realizou-se a entrevista com alguns dos sujeitos que estiveram em contato com o universo pesquisado. Entre as muitas famílias que estavam no momento da visita ao local em que fortemente marcada a presença do comércio da castanha, a equipe conseguiu conversar com 3 pessoas e dialogar com estas sobre algumas questões que eram objeto de investigação. Assim, foram entrevistados 3 pessoas que têm o seguinte perfil:

**Tabela 1:** perfil dos pesquisados

	%
<b>Variáveis: perfil dos sujeitos da pesquisa</b>	
<b>Sexo</b>	
Feminino	02
Masculino	01
<b>Faixa etária</b>	
Ate 24	00
De 25 a 30	00
De 31 a 35	02
De 36 a 40	01
<b>Estado Civil</b>	

Solteiro (a)		00
Casado (a)		03
Divorciado (a)		00
Viúvo (a)		00
<b>Renda familiar</b>	Até ½ salário mínimo	00
	De 1 a 3 salários	03
	Mais de ½ e 1 salario mínimo	00
	Acima de 3 salários	00
		00

Fonte: elaboração própria

Na entrevista realizada com esses sujeitos foi questionado há quanto tempo estas famílias trabalham com a comercialização da castanha de caju e estes informaram que todos já atuam nesse comércio há mais de 10 anos, pois configura-se como uma atividade econômica da região que prevalece entre as famílias locais e que vai sendo repassada de pais para filho, sendo que hoje, a maioria das famílias que estão nessa atividade, já atuavam desde muito cedo em razão de estarem sempre próximos da atividade laboral dos pais, o que fez com que iniciassem desde muito cedo o contato com a atividade.

Questionou-se a estes sujeitos que tipo de atividades são realizadas neste local para chegar até a comercialização da castanha às margens da rodovia. Assim, eles explicaram que são várias etapas pelas quais o produto atravessa que vai desde a preparação para assar esses frutos até a organização em quantidades. No relato de um dos sujeitos pesquisados, observa-se a narrativa desse processo. Denominamos o primeiro como sendo da entrevistada A:

A castanha comercializada no povoado, algumas são da própria localidade, mas como os invernos vêm sendo muito fraco, a maior parte é comprada de fora. Os comerciantes maiores compram nas feiras das cidades e revendem para a gente. O senhor Augustinho Ladeira é um desses comerciantes que revende para a gente.

Abaixo, tem-se o registro fotoetnográfico registrado na pesquisa que foi realizada na comunidade que se constitui o universo dessa pesquisa.

**Imagem 1:** comercialização da castanha





Fonte: Elaboração própria

A entrevistada A disse ainda que chegou à Mirolândia em 1981, e já tinha muita castanha na comunidade, mas não era comercializada como hoje. “Naquele tempo aqui era bem pequeno, eram apenas algumas casas. Eu acredito que o crescimento daqui se deu por causa do comercio da castanha e do plantio da mandioca”, relatou.

**Imagem 2:** descascamento das amêndoas para embalagem



Fonte: Elaboração própria

Para a entrevistada A, se não fosse a castanha e a mandioca que também era destaque por aqui, a Mirolândia não era o que é hoje não. “O processo de produção e comercialização da castanha é muito difícil e cansativo, tudo começa quando a gente compra a castanha, aí então assamos, quebramos, retiramos a pele e só então é que está pronto para ser comercializada”, explica.



Para ela, algumas castanheiras depois que quebram a castanha, põem no sol ou no forno quente para que solte a pele e para que as amêndoas fiquem mais crocantes. “Eu não faço assim, geralmente a minha freguesia não gosta e pede para não assar no forno. Eles dizem que as amêndoas ficam secas demais e às vezes ficam com a cor escura”, concluiu.

A forma de comercialização que a entrevistada tem para a castanha é somente na sua barraca, mas ela disse que outras castanheiras já têm encomendas de grandes quantidades para outras cidades e até para outros estados. Ela disse que não vende para fora, mas se surgir encomendas, ela vai servir porque vai ser dinheiro a mais que vai entrar e pontua que “Os finais de ano são os melhores tempos para a venda da castanha aqui na Mirolândia, por causa das férias de fim de ano e também tem muita gente que vem de fora” (ENTREVISTADA A).

A entrevistada reconhece que a castanha do caju como a responsável por ajudar a colocar comida na sua mesa, ajudar na compra de remédios e estudo dos filhos. Ela disse que seu conhecimento é pouco, mas sabe que o caju é próprio do Nordeste e que para na comunidade Mirolândia não tem outra cultura que a substitua. Que quem poderia fazer frente à castanha seria outra cultura nordestina, a mandioca, mas essa está em decadência na comunidade.

Também um outro participante da pesquisa denominado aqui de entrevistado B que já atua no ramo há mais de uma década. Ele diz que morava em um bairro próximo ao centro da cidade de Picos e logo que recebeu sua aposentadoria, resolveu mudar de vida, preferindo a vida rural. Instalou-se na comunidade e começou a negociar a castanha. Tão logo construiu sua “barraquinha” e deu início ao processo de comercialização desta.

Ele diz que mora sozinho com sua esposa, mas que tem 4 filhos que não residem com ele. A esposa fica encarregada de dar início ao processo, organizando forno para assar as castanhas, vasilhas para arrumar depois de assar. Enquanto ele cuida da parte de seleção e descasque, bem como do processo de embalagem e pesagem destas para expor e comercializar.

Há dias na semana que recebe fornecedores do Ceará para comprar as castanhas e neste dia, ele juntamente com seus fornecedores, pesam e comercializam a castanha retirada do caju, para somente depois prepara-la artesanalmente para comercializá-la.

A entrevistada C atua na mesma atividade que os demais, a entrevistada C começou um pouco mais tarde e não trabalhava diretamente com a castanha, mas com o caju vendendo este. Somente depois de um ano que começou a vender castanha propriamente dita.

Segundo ela, a origem da castanha no início da comercialização há cerca de 50 anos atrás era da própria região, porém, com o passar dos anos, a produção do caju teve um decréscimo e hoje a matéria prima é vinda da região do Ceará, apesar de ainda negociarem com fornecedores de Jaicós e Km 87.

O início da comercialização se dá com a compra da matéria-prima que custa em torno de R\$ 450, o quilo. Em seguida, os compradores fazem a separação das amêndoas escolhendo aquelas que se encontram em perfeito estado para assar.

**Imagem 3:** Preparo da castanha



Fonte: Elaboração própria

Depois de as castanhas irem ao forno que geralmente é construído na frente das residências destas famílias e próprio para essa atividade, os responsáveis começam a descascar as amêndoas assadas e depois as embalam em tamanhos e pacotes diversos para vender às margens da BR.

O trabalho com esse tipo de produto, como nas demais formas de atividades comerciais, nunca é realizado sozinho, há sempre uma equipe de trabalho que, no caso da comercialização da castanha é mais uma atividade familiar, onde todos tem participação efetiva.

**Imagens 4 e 5:** equipes de trabalho na quebra da castanha e carregamento



Fonte: Elaboração própria

A agricultura familiar é também uma forma de produção onde predomina a interação entre gestão e trabalho e que está, por sua vez, direcionada ao processo produtivo com ênfase na diversidade e se utiliza da mão-de-obra familiar que é complementada ou não, pelo trabalho assalariado.

A agricultura familiar tem como principal característica a economia e o trabalho doméstico que busca sua produção tendo como base suas relações de parentesco. Acerca destas características, Chayanov (1966) diz que essa característica de economia doméstica tem garantido sucesso na sua reprodução social em muitas sociedades.

Não há de fato, funções determinadas e após atravessar vários processos, a castanha é exposta nas chamadas “barracas” e pronta para chegar ao consumidor que, via de regra, são viajantes que passam pela BR e consomem o produto. O ganho ou retorno financeiro é pouco, mas conforme se pode observar na imagem acima, não se comercializa somente a castanha, mas outros produtos são expostos como o mel, o doce do buriti, o doce de caju a fim de que possam suprir suas necessidades, já que este é considerado como dizem os próprios sujeitos da pesquisa um meio de vida dessa gente.

Os participantes informam ainda que antigamente havia um lucro maior, entretanto hoje não é mais assim. Muitas dessas pessoas que atuam nessa atividade ainda consideram que permanecem por não ter acesso a outra atividade e algumas afirmam porque não gostam de ficar paradas e ainda devido ao sustento da família, porque dessa atividade depende o sustento dos familiares.

Eles alegam ainda que tem se tornado cada vez mais difícil a situação devido a ausência de inverno e de chuvas na região, pois havia um certo período do ano que este comércio era mais propício (mês de agosto- período de safra do caju/castanha), mas que devido à seca acarretou problemas como a queda de vendas. Apesar disso, consideram

que atualmente, o mês mais vendável do produto é o mês de dezembro, período de férias em que há um fluxo maior de viajantes que compram os produtos, ou vários deles expostos para levar dessa região para outra.

Como se pode observar, o processo de comercialização destas castanhas é uma forma de manter o sustento das famílias dessa região que vivem dessa atividade. As mulheres têm algumas funções, mas não são determinantes, pois cada grupo de família se ajusta ao trabalho nessa atividade de acordo com suas possibilidades. A comercialização da castanha acontece desde a compra da matéria-prima até a exposição do produto pronto para o consumo na BR.

Em relação ao uso das imagens, esse estudo se utilizou da fotoetnografia para analisar os dados da pesquisa juntamente com as falas dos sujeitos pesquisados. A fotoetnografia é o estudo que assimila o uso da foto como um instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico, nesse sentido, esse estudo denomina-se de fotoetnografia. Na visão de Boni e Moreschi (2007, p. 139):

Pode ser caracterizada como objeto de estudo, pesquisa ou como mera ilustração. Esse tipo de trabalho contribui para que haja um resgate de informações relacionadas aos diferentes tipos de etnias. Além disso, compila dados de conhecimento, que podem servir como fonte de comparação anacrônica, posto que a cultura e os costumes das etnias estão sujeitos a transformações.

Assim, o uso da foto pode ser apenas uma mera imagem como também serve para registro das informações e análises dos dados que são coletados em meio a um determinado grupo. Na visão de Boni e Moreschi (2007), é bem verdade que os parâmetros adotados na realização de um trabalho fotoetnográfico seguem a linha da Antropologia Visual, considerando que as pesquisas de campo e os critérios de análise e interpretação permitem que o pesquisador consiga traçar um perfil etnológico do grupo estudado.

## **CONSIDERAÇÕES**

Apesar das singularidades de cada Território da Macrorregião do Semiárido piauiense, encontram-se algumas atividades e problemas em comum a todos. Como problemas, podem-se apontar o baixo índice de desenvolvimento humano, as dificuldades de acesso a água pelas populações mais pobres, a preponderância da agricultura familiar de subsistência com dependência do período chuvoso, as

dificuldades de acesso a terra, a serviços de educação, saúde, saneamento básico e infraestrutura básica para atender as condições mínimas de sobrevivência da população.

Em Picos, especificamente os períodos chuvosos são considerados os meses de fevereiro a março, sendo o período mais seco de sete a oitos meses, ou seja, a maior parte do ano é quente na cidade de Picos – PI. O maior lençol freático do mundo localiza-se em solos piauienses e boa parte desse potencial pertence à região de Picos. É cortado pelo Rio Guaribas, considerado um rio temporário. (Fonte: Prefeitura Municipal de Picos). Apresenta-se como principal característica social a mistura étnica, pois a população é formada por indivíduos das mais diversas raças: índios, negros, brancos, pardos, mulatos, dentre outras. A agricultura de Picos é baseada na produção sazonal de arroz, feijão, mandioca e milho, como também na produção do mel, mas o caju e a acastanha já foram produtos que tiveram seu ponto marcante nesse setor.

O Piauí herdou do período colonial um legado de exclusão social no qual o extermínio da população nativa e a escravidão são as raízes mais fortes. Com a agravante, a base econômica de constituição da sociedade – a pecuária extensiva – coloca o latifúndio como condição imprescindível ao funcionamento do sistema que, sem ampliar os níveis de produção e de produtividade, condena o Estado a altos níveis de pobreza relativa e absoluta.

O atual espaço piauiense teve sua organização a partir do processo de colonização portuguesa, em que o governo de Portugal doou grandes extensões de terras (sesmarias) a muitos fazendeiros que tinham o poder absoluto em suas propriedades. A maior parte dos moradores a concepção moderna de desenvolvimento encontra-se em crise. A promessa de futuro foi concretizada em alguns países e para apenas uma parte da humanidade. A degradação do meio ambiente e o agravamento das desigualdades sociais, frutos desse modelo, colocam em risco as gerações presentes e futuras. Conquistar novas estratégias e objetivos de um desenvolvimento sustentável são desafios que se colocam para a humanidade.

Esse desafio também está colocado para o semiárido, um espaço do território brasileiro marcado pelas contradições do desenvolvimento. Apesar do recente processo de modernização econômica na região, com a incorporação de novas áreas e setores dinâmicos, em sua maior parte, constata-se a estagnação ou a lentidão econômica.



---

## REFERENCIAS

AGOSTINI, COSTA, J.S; JALES, K.A; GARRUJA, D.S; PADILHA, V.A; LIMA, M.J; PAIVA, J.R; **Teores de ácido anacárdico em pedúnculo de cajueiro *anacardium microcarpum* e em oito clones de *anacardium occidentale* var *nanum* disponíveis no nordeste do Brasil.** *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 34, n. 4, p. 1075-1080, 2004;

ARAÚJO, José Luís Lopes (Coord.). **Atlas Geo-histórico e cultural do Piauí.** João Pessoa (PB): Editora Grafset, 2006.

BARROS, L.M; CRISOSTOMO, J.R **Melhoramento do cajueiro.** Fortaleza: Embrapa-CNPA, 1995;

BARROS, L. de M. **Botânica, origem e distribuição geográfica.** In: ARAÚJO, J. P. P.; SILVA, V. V. (Org.). **Cajucultura: modernas técnicas de produção.** Fortaleza: EMBRAPA-CNPAT, 1995. p.55-71.

BARROS, L. M; PAIVA, J. R.; CAVALCANTI, J. J. V. **Cajueiro-anão-precoce: melhoramento genético – estratégias e perspectivas.** *Biotecnologia Ciência & Desenvolvimento*, Brasília, n.6, p. 18-21, 1998.

BARROS, L. de M. Botânica, origem e distribuição geográfica. In: ARAÚJO, J.P.P.; SILVA, V.V. (Org.). *Cajucultura: modernas técnicas de produção.* Fortaleza: EMBRAPA-CNPAT, 1995. p.55-71.

BRASIL. MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Relatório Final – Grupo de Trabalho Interministerial para Redelimitação do SemiÁrido Nordestino e do Polígono das Secas.** Brasília, janeiro de 2005.

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro.** Brasília, 2005.

CRISOSTOMO, J.R. **Melhoramento do cajueiro-anão-precoce: avaliação da qualidade do pedúnculo e a heterose de seus híbridos.** *Revista Brasileira de Fruticultura*, v. 24, n. 2, p. 477-480, 1995;

EMBRAPA. **Sistema de Produção: Cultivo do Cajueiro.** Disponível em:<[www.sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Caju/CultivodoCajueiro/index.htm](http://www.sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Caju/CultivodoCajueiro/index.htm)>. Acesso em: 14 nov.2010.

FERNANDES, J. B; HOLANDA, J. S de; CHAGAS, M. C. M. das; LIMA, J. M. P. de; OLIVEIRA, J. S. F de. **Recomendações técnicas para o cultivo do cajueiro.** EMPARN: Natal, 2009. p. 18.

LEITE, L.A de S. PESSOA, P.F.A. **Aspectos Socioeconômicos.** Embrapa Agroindústria Tropical. Fortaleza, CE, Brasília, 2002.



---

LIMA, V. de P. M. S. **Caju: Origem e distribuição geográfica.** In: LIMA, V. de P. M. S.(Org.) *Cultura do cajueiro no Nordeste do Brasil.* Fortaleza: BNB-ETENE, 1988. p. 1-10.

LUCENA, V.M.X. **Diversidade genética entre genótipos de cajueiro** (*anacardium occidentale L.*) E Qualidade do fruto e do pseudofruto. Monografia. Boa Vista, 2006

OLIVEIRA, V.H. BARROS, L.M; LIMA, R.N de. **Influência da irrigação e do genótipo na produção da castanha em cajueiro-anão-precoce.** Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v. 38, n. 1, p. 61-66, 2003.

SILVA, Roseano Medeiros da. **Densidade da semente e posição da semeadura na germinação de castanha do clone de cajueiro-anão-precoce CCP 76.** Mossoró, 2010.